

— O senhor não se constrange em defender o calendário de votação da emenda da reeleição antes da eleição das mesas da Câmara e do Senado para garantir sua vitória?

— Não existe isso. Essa pergunta é desnecessária. Reeleição e candidatura são coisas diferentes. Até porque seria uma ofensa ao próprio Fernando Henrique, porque o dono do calendário é o presidente. O calendário não é nem do PMDB nem do PFL. Já tenho 50 votos garantidos, e portanto não sou eu quem estou interessado em submeter minha candidatura ao calendário da reeleição, mas o candidato do PMDB.

— E a ameaça de represália do PFL, se o presidente não apoiar sua candidatura?

— Não trato desse assunto.

— O senhor acha que o presidente Fernando Henrique deve correr o risco de aprovar a emenda da reeleição na quarta-feira ou deve adiar a votação?

— Não me meto na estratégia do governo. Essa estratégia está sendo muito bem tratada por deputados. Com a popularidade que tem, o governo encontrará alternativas legais para atender aos reclames do povo favoráveis à reeleição.

— E o referendo?

— Ninguém pode ser contra a consulta popular, e ela não está afastada. Mas o governo pode achar que tem votos para aprovar a reeleição, como eu tenho votos para me eleger presidente do Senado.

— Mas e a ameaça de rompimento com o PMDB? Partir para o confronto sem ter os votos necessários não é perigoso?

— O presidente Fernando Henrique tem tido êxito na vida. Portanto, não me cabe discutir seu estilo.

— Como anda sua candidatura no PSDB?

— Insisto no apoio do PSDB. O partido já deu nota oficial anunciando que se definirá em bloco a favor de um candidato. E também

tomou outra decisão muito importante. Manifestou-se favorável à alternância de partidos nas duas Casas. O PSDB apoiará um candidato de um partido em uma Casa e outro candidato de partido diferente em outra.

— O líder do PMDB, Jáder Barbalho que teria discutido com o presidente Fernando Henrique a retiradas das candidaturas, para permitir a votação da reeleição.

— Jamais alguém me falou em retirar minha candidatura. E nem Jáder é meu porta-voz. Tenho certeza de que ninguém vai ter coragem de chegar perto de mim para propor a retirada da minha candidatura. Mas já soube que o Jáder desmentiu essa informação.

— Qual é sua plataforma para a presidência do Senado?

— Não vou apresentar plataforma sem antes tratar com os partidos políticos que estão me apoiando. O certo é que, se for eleito presidente do Senado, vou agir com independência e perfeita harmonia com o Poder Executivo.

— O presidente poderá se transformar em refém do Senado?

— De jeito nenhum. A harmonia é essencial. E isso é simples. Cada um exerce sua atividade dentro do respeito mútuo que é indispensável nas relações humanas que dirá entre os poderes.

— Dizem que há senadores com medo do senhor, por causa do seu temperamento.

— Quem me conhece sabe que sou homem que respeita as instituições. Meu hobby é música clássica e de popular gosto dos baianos, Dorival Caymi, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gal e Simone. Mas não dispense Beethoven e Mozart. Mas quando preciso de inspiração ouço Wagner. Faço cooper, bicicleta no quarto e gosto de ler, mas não digo os autores para não parecer pretensioso. Tenho quatro mil livros na estante da minha casa na Bahia. Desde estudante faço política. E minha biografia quem já está fazendo é o Fernando Morais.